

GASQUES, Vilma. Indústria reduz a produção e demite: levantamento do Ciesp, regional Campinas, aponta que capacidade ociosa das empresas associadas passou de 15% para 30%. Correio Popular, Campinas, 02 jul. 2003.

VILMA GASQUES
Da Agência Anhangüera
vilma@rac.com.br

A indústria da região de Campinas apresentou no mês de maio o pior resultado do ano. Uma sondagem industrial realizada pelo Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), regional Campinas, com as empresas associadas, apontou que em maio houve uma redução de 50% no nível de ocupação das empresas em comparação com o mesmo período do ano passado.

“Em maio de 2002 tínhamos a maioria das empresas operando com 85% da capacidade, ou seja, 15% de ociosidade. Neste ano, a maior parte das indústrias estão operando com 70% da capacidade, o que significa que 30% de cada empresa está parada. E estando nesta situação, as indústrias não estão investindo e o nível de emprego está em baixa”, lamentou o diretor regional do Ciesp, Francisco de Oliveira Lima Filho.

DEMISSÕES

E foi justamente isso que aconteceu. Pela primeira vez no ano a pesquisa do Ciesp apontou que as indústrias associadas demitiram funcionários. Houve 387 demissões, o que representou uma redução de 0,37% no nível de ocupação, um percentual maior do que o que foi registrado no Estado de São Paulo no mesmo período. A variação no Estado foi de menos 0,18%.

“As empresas começaram a demitir e eu acho que está na hora de os governos – municipal, estadual e federal

– deixarem os discursos de lado e começarem a tirar os projetos do papel. Caso contrário a situação pode ficar ainda pior. E não adianta tanta reunião e discurso e nada de prática”,

alfinetou.

Lima Filho fez referências ao atraso no processo de ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos, que é um dos grandes pontos que podem alavancar a indústria da região e ao atraso nas reformas Tributária e da Previdência, que são apontadas como essenciais para a retomada do desenvolvimento do Brasil. Além disso, ele também citou a falta de linhas de crédito para o setor com taxas de juros mais acessíveis. "E por falta de linhas de crédito as empresas não conseguem pagar seus títulos. Nossa pesquisa apontou que 80% das indústrias possuem algum nível de inadimplência", falou.

Outra consequência direta da dificuldade das empresas é justamente o nível de vendas. Neste item, 39% das empresas responderam que tiveram queda nas vendas em relação ao mês anterior.

Até mesmo as exportações, que estão apresentando crescimento no Brasil, aliviando a recessão nacional, em Campinas não tiveram o mesmo desempenho. Em maio houve praticamente um empate com o mesmo período do ano passado, com um pequeno crescimento de 0,36%. Em maio de 2002 o volume de exportações atingiu US\$ 86,4 milhões. Neste ano o volume foi de US\$ 86,7 milhões.

As importações tiveram

um aumento de 5,22%. Durante o mês de maio as indústrias da região importaram um total de US\$ 94,9 milhões, sendo que no mesmo período de 2002 as importações atingiram US\$ 90,2 milhões.

“O déficit da nossa balança já está em US\$ 61 milhões deste janeiro. A expectativa nos primeiros meses deste ano era de um aumento de 20% na nossa balança. Mas agora já estamos revendo esse número e acreditamos que o crescimento deve ficar entre 8% e 10% se comparado com 2002”, avaliou o diretor adjunto e de Comércio Exterior Interino do Ciesp-Campinas, Wladimir Tadeu Mantovani.

MAIOR DESEMPREGO

Apesar de os empresários evitarem o assunto, as demissões estão acontecendo em todos os setores. Os números do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho mostram que em Campinas o desemprego é o maior desde dezembro de 1996 e volume de pessoas sem ocupação.

De acordo com o coordenador do Departamento de Economia da Associação Comercial e Industrial de Campinas (Acic), Laerte Martins, a taxa de desemprego na cidade fechou o mês de maio em 17,6% da População Economicamente Ativa (PEA), ou seja, com 91.766 pessoas sem ocupação.

O ano de 2002 fechou com uma taxa de 17,1% e 88.010 pessoas desempregadas. "No acumulado do ano, a indústria está com 87 vagas a menos e a construção civil com 67 postos de trabalho fechados. De janeiro a maio do ano passado a indústria contratou 593 pessoas. É uma situação de recessão", finalizou.



Linhas de produção de indústria na região: ritmo mais lento